

# A dieta pitagórica de Apolônio de Tiana na biografia escrita por Filóstrato: a construção de um homem divino e sua atuação política como reformador religioso

*The Pythagorean diet of Apollonius of Tyana in the biography written by Philostratus: the construction of a divine man and his political role as a religious reformer*

Semíramis Corsi Silva\*

**Resumo:** Neste texto, propomos abordar a representação de Apolônio de Tiana como seguidor de uma dieta pitagórica livre do consumo de carne animal na biografia *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita pelo sofista Flávio Filóstrato (século III EC). Partimos das observações de Marcel Detienne (1970, 1975, 1998 [1972]) de que a escolha por uma alimentação sem carne animal por grupos filosófico-religiosos antigos pode ser considerada como uma rejeição à cidade, pois recusava-se o sacrifício aos deuses. E, no caso de alguns pitagóricos, podia significar uma proposta de reforma política das cidades. Sabendo disso e percebendo Apolônio como atuante politicamente na biografia escrita por Filóstrato, analisaremos a construção de seu papel político como reformador e o sentido de sua alimentação e de seu estilo de vida para a realização do mesmo.

**Abstract:** In this text, we propose to address the representation of Apollonius of Tyana as a follower of a Pythagorean diet free from the consumption of animal meat in the biography *Life of Apollonius of Tyana*, written by the sophist Flávio Filóstratus (3rd century CE). We start from the observations of Marcel Detienne (1970, 1975, 1998 [1972]) that the choice for a diet without animal meat by ancient philosophical-religious groups can be considered as a rejection of the city because the sacrifice to the gods was refused. And, in the case of some Pythagoreans, it could mean a proposal for political reform of cities. Knowing this and perceiving Apollonius as politically active in the biography written by Philostratus, we will analyze the construction of his political role as a reformer and the meaning of his diet and lifestyle to achieve this.

**Palavras-chave:**

Apolônio de Tiana.  
Filóstrato.  
Pitagorismo.  
Dieta pitagórica.  
Alimentação sem carne.

**Keywords:**

Apollonius of Tyana.  
Philostratus.  
Pythagoreanism.  
Pythagorean diet.  
Meat-free diet.

---

Recebido em: 01/03/2024

Aprovado em: 11/06/2024

---

\* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Franca). Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM).

## Introdução

Em 1972, o importante helenista Marcel Detienne publicou, na *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (*Destins du cannibalisme*), um artigo intitulado *Ronger la tête de ses parents*.<sup>1</sup> O objetivo de Detienne era decifrar elementos do canibalismo a partir de uma série de mitos e histórias gregas em que o motivo da antropofagia aparecia. Uma importante observação do ensaio, no entanto, foi sobre o comportamento de indivíduos que escolhiam um modo filosófico de viver, não comendo carne de animais. Na interpretação de Detienne, tal escolha conduzia o indivíduo a um distanciamento do mundo, podendo ser considerada como uma espécie de rejeição à cidade e ao seu modo de vida, uma rejeição à política. Pois, ao se negar a comer carne de animais, o indivíduo estaria negando o sacrifício aos deuses, no qual os seres humanos recebem a carne porque precisam comê-la para sobreviverem e os deuses recebem seus odores e perfumes.<sup>2</sup> Sendo os ritos sacrificiais para os deuses centrais nas religiosidades de Estado, a recusa da carne significaria uma rejeição à própria cidade e à piedade (*Εὐσέβεια*) aos deuses.<sup>3</sup>

Um novo modo de vida pautado, fundamentalmente, no fato de o indivíduo não comer carne e negar os sacrifícios de animais para os deuses, mas também em outros elementos ascéticos, era realizado pelos seguidores do orfismo e do pitagorismo. Estes indivíduos caracterizavam-se como andarilhos, em uma espécie de protesto, resistência e contra-sistema, segundo Detienne (1998 [1972]). Em um extremo dessa alimentação, estariam outros manifestantes que também recusam a cidade, mas abolindo a fronteira entre os animais e os homens, buscando na selvageria de comer carne crua de animais (omofagia) o contato com o sobrenatural. Esse segundo caso seria o dos dionisíacos tal como apresentados na tragédia *As Bacantes*, de Eurípides, e os cínicos.

Voltando aos grupos que se negavam a comer carne animal no contexto antigo, em outro texto de sua autoria, escrito pouco depois, *Les chemins de la déviance: Orphisme, Dionysisme et Pythagorisme* (1975), Detienne reafirma sua ideia sobre estes grupos estarem rejeitando um sistema de valores estabelecido nas cidades com os sacrifícios. Porém, ele frisa aqui que o orfismo se desenvolveu nas periferias das cidades e ao lado do

---

<sup>1</sup> Publicado também como capítulo no livro DÉTIENNE, M. *Dionysos mis à mort*. Paris: Gallimard, 1998.

<sup>2</sup> Detienne apresenta essa ideia também no artigo *La cuisine de Pythagore* (1970), remetendo-se às reflexões de Dario Sabbatucci, na obra *Essai sur le mysticisme grec* (1965).

<sup>3</sup> Além disso, a parcela de carne sacrificial atribuída a cada convidado em um banquete era indicativa de seu *status* na sociedade. Ou seja, além de se negar a seguir os costumes religiosos de piedade aos deuses, aquele que se não comia carne, estava deixando de lado um costume que tinha um valor social marcado (Detienne; Vernant, 1979, p. 7-132 *apud* Freyburger, 2016, p. 45).

culto público, enquanto o fenômeno pitagórico ocorria na cidade e até desempenhando um papel muitas vezes essencial na condução dos assuntos públicos. A posição dos pitagóricos, assim, podia ser dupla: uma renúncia ao mundo com uma vida ascética e a purificação completa da alma ou uma crítica ao sistema político-religioso a partir de seu interior, por uma espécie de reformismo (Detienne, 1975, p. 58). Assim, havia duas orientações nas práticas pitagóricas: uma em sistema de seita religiosa anti-cidade – com alimentação restrita, em especial em relação à carne – e outra de sociedade aberta à vocação política, visando reformas – com alimentação menos restrita (Detienne, 1970).

As observações de Detienne em seus ensaios chamaram nossa atenção para pensarmos o sentido da dieta não carnívora, a escolha de um modo de vida ascético e a negação de sacrifícios animais por parte do filósofo pitagórico Apolônio de Tiana. Em nosso doutoramento, analisamos a biografia *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita pelo sofista Filóstrato nas primeiras décadas do século III EC, e o que pudemos notar é que, neste texto, Apolônio é um asceta, mas, ao mesmo tempo ele é um sujeito muito ativo na vida do Império Romano, nas cidades imperiais e também fora dos limites romanos.<sup>4</sup> Entre outros aspectos de sua atuação, Apolônio é um reformulador de costumes das cidades por onde passa em suas longas viagens.

Diante dessa observação, nos questionamos sobre a relação da dieta de Apolônio de Tiana com seu papel político na escrita de Filóstrato. Apolônio é uma asceta na VA de Filóstrato, mas, ao mesmo tempo um reformador político-religioso.<sup>5</sup> Como seria, então, a atuação política de Apolônio nas cidades? Quais reformas ele propõe? Como Filóstrato concilia a vida ascética pitagórica, a dieta sem carne e a negação dos sacrifícios por parte de Apolônio com a atuação política do biografado? O que significava sua estética de existência e seu modo de vida pitagórico? Qual o objetivo disso? E quais as principais funções da dieta não carnívora de Apolônio diante das intenções de Filóstrato ao moldar seu biografado como atuante nas cidades por onde passa?

Para compreendermos a situação da alimentação de Apolônio, seu sentido filosófico e sua representação, neste texto iremos apresentar a dieta e os elementos sobre o modo de vida do personagem na biografia escrita por Filóstrato. Feito isso, iremos analisar elementos gerais da atuação política do Apolônio da biografia pelas cidades do Império Romano como reformador de costumes. Por fim, buscaremos levantar algumas

---

<sup>4</sup> Nosso doutorado resultou na tese *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.)*, defendida no Programa de Pós-graduação em História da UNESP/Franca, sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho e financiamento da CAPES. A Tese foi publicada como livro em 2020 pela Editora Appris, com o título *Identidade Grega e Império Romano: A Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato (Século III d.C.)*.

<sup>5</sup> Abreviaremos o nome da obra como VA, conforme regras de abreviação de obras clássicas do *Oxford Classical Dictionary*.

considerações sobre como Filóstrato conciliou uma dieta e um modo de vida pitagórico (βίος Πυθαγορικός) com suas intenções enquanto biógrafo e sofista.

Começamos apresentando Apolônio, seu biógrafo, elementos sobre seu estilo de vida e, em especial, sua dieta alimentar.

### O modo de vida pitagórico e a dieta de Apolônio de Tiana

Apolônio de Tiana foi, muito possivelmente, um personagem histórico que viveu no século I EC, embora sua realidade e trajetória sejam ainda hoje permeadas por dúvidas. Nascido em Tiana, na província romana da Capadócia, Apolônio causou admiração em algumas pessoas, como no sofista grego Flávio Filóstrato, que, em meados do século III EC, lhe rendeu uma longa biografia apologética, a *Vida de Apolônio de Tiana*.

Na VA, Filóstrato narra os feitos fantásticos de Apolônio e, especialmente, destaca características de suas funções e relações com povos de diferentes regiões em suas viagens. Desenvolvida em oito livros, a VA nos remete a uma longa viagem que dura toda a vida adulta do protagonista. Apolônio sai da Capadócia, passando pelas Províncias da Cilícia, Panfília e Síria. A caminho da Índia, Apolônio passa pela região da Armênia, por terras do Império Parto, parando em Nínive, viaja pela chamada "terra dos árabes", pela Císia e estabelece pouso de um ano na Babilônia. Na volta da Índia, Apolônio para novamente na Babilônia, em Nínive e depois em várias cidades gregas. Então ele viaja para Roma, Gadira (ou Gades, na Hispânia Bética, atual Cádiz), regiões do norte da África romana, Egito, Etiópia, Síria e regiões da Ásia Menor. Nos últimos livros, Apolônio faz novas viagens para cidades gregas, Roma e terras itálicas.

Na biografia, Filóstrato transforma Apolônio em um homem divino (θεῖος ἀνὴρ), elogiando as realizações miraculosas do tianeu e desconstruindo uma imagem negativa que recaía sobre o protagonista em outros textos antigos, como em *Alexandre ou o falso profeta* (5) e *Philopseudes* (XXIX), ambos de Luciano de Samósata, e *História Romana* (LXVII, 18; LXXVIII, 18, 4), de Dião Cássio, contemporâneo de Filóstrato. Tanto Luciano como Dião Cássio consideraram Apolônio como um *goes* (γόης) o praticante da nefasta *goeteia* (γοητεία), práticas de cunho mágico consideradas populares, maléficas e charlatãs na literatura antiga. Filóstrato, ao contrário disso, defende o personagem como um homem divino através de uma elaborada construção de Apolônio como filósofo pitagórico, o que incluía sua rigorosa dieta e seu modo austero de viver, como veremos a seguir.

Flávio Filóstrato, por sua vez, nasceu por volta 160/170 na Ilha de Lemnos, parte do território ateniense, tendo sido membro da Boulé de Atenas. Sabemos que o mesmo nome Filóstrato aparece nas inscrições de um destacado general hoplita, um estrategista de

Atenas (Puech, 2002, p. 381). Há três referências a Flávio Filóstrato como general hoplita entre 200 e 210, mas sem menções a seu envolvimento em batalhas. No entanto, foi como sofista que o nome Flávio Filóstrato se destacou, sendo mencionado como tal nas bases de duas estátuas encontradas em território grego (Puech, 2002, p. 378-379) e citado como sofista também em obras de contextos posteriores, como no léxico bizantino *Suda*.<sup>6</sup>

Além disso, Filóstrato fez parte de um grupo de escritores próximos da imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio Severo (193-211), mãe dos futuros imperadores Caracala (198-217) e Geta (209-211) e importante personagem na política romana nos governos de seu marido e de seu filho Caracala. O grupo em torno da imperatriz é chamado por Filóstrato (VA., I, 3) de círculo (κύκλος). É Júlia Domna quem Filóstrato diz ter lhe pedido que escrevesse a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana (VA., I, 3), a quem a família severiana parece ter rendido admiração (Philostr., VA., VIII, 31; Dião Cássio, LXXVIII, 18, 4; *História Augusta*, Vida de Severo Alexandre, 29, 2).

Ao escrever a biografia de Apolônio de Tiana, Filóstrato dá especial atenção à dieta alimentar do biografado, considerada o que hoje poderíamos ver como uma espécie de veganismo,<sup>7</sup> pois Apolônio não apenas se recusava a comer carne, como também não se alimentava de outras coisas vindas de animais e não usava roupas de lã e couro, apenas o linho, tal como Pitágoras (Philostr., VA., VIII, 7, 4). Sobre suas vestimentas, Apolônio, segundo Filóstrato (VA. VIII, 5), diz: “– Na terra que me alimenta, respondeu, também me veste, e trato de não incomodar os animais”.

O fenômeno de abstinência da carne de animais na alimentação (conhecido hoje como vegetarianismo)<sup>8</sup> ou as experiências de recusa ao que vem de animais de forma mais abrangente (o veganismo moderno), não recebiam essas denominações na Antiguidade. Como apresenta Pedro Ribeiro Martins (2019, p. 1), “este fenômeno foi chamado pelos gregos antigos, usualmente, de ἀποχή τῶν ἐμψύχων (abstinência de seres com almas).”

<sup>6</sup> Em linhas gerais, os sofistas do Império Romano eram intelectuais prestigiados, sábios em eloquência em grego e latim, oradores das festas públicas e atravessadores das fronteiras incertas entre a retórica e a filosofia (Gagé, 1971, p. 226). Filóstrato escreve uma obra biográfica dedicada somente aos sofistas como ele, a *Vidas dos Sofistas*. Para o autor, os sofistas são oradores virtuosos com grande reputação pública. Graham Anderson (1993, p. 16) observa que, para Filóstrato, ser sofista significava realizar uma grande gama de atividades, como ser um performático orador e ensinar discípulos. Acrescentamos, que além da característica central de ser aquele que realiza discursos públicos em diversas situações e ensina retórica, os sofistas de Filóstrato estavam envolvidos em uma série de atividades político-administrativas, tanto em nível de suas cidades, como em nível imperial.

<sup>7</sup> Segundo informações do site da Associação Brasileira de Veganismo, este estilo de vida tem como ideal, basicamente, a não exploração de animais por humanos, promovendo o veganismo para benefício das pessoas, dos animais e do meio ambiente. O vegano deve sempre pensar nos animais na escolha dos alimentos, mas também de produtos usados, espetáculos assistidos, trabalhos realizados, etc. Informações disponíveis em: <https://veganismo.org.br/veganismo/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

<sup>8</sup> O termo vegetariano para referir-se a um tipo de dieta surgiu no século XIX com a criação da *Vegetarian Society*, na Inglaterra, e estava ligado à ideia de uma alimentação mais saudável, livre de carne animal (Bernabé, 2019, p. 32).

Alberto Bernabé (2019) nos dá vários exemplos de textos gregos antigos que usam termos técnicos para se referirem a alimentos dotados de alma (ἄψυχα) e não dotados de alma (ἔμψυχα) a fim de se referirem à alimentação. A questão da alma, portanto, era fundamental para a opção dietética sem carne animal, ao menos entre alguns grupos, como veremos a seguir.

Na VA (VI, 11), o biografado se refere à escolha de Pitágoras por “manter em seu ventre nenhuma mancha de alimento dotado de vida e puro seu corpo de todas as vestimentas que foram feitas de animais mortos”. Ao justificar suas roupas de linho, Apolônio fala sobre o uso de produtos vindos de seres dotados de vida e de seres sem vida (Philostr., VA., VIII, 7, 5). Segundo Filóstrato (VA., I, 1), Pitágoras “[...] repudiava as vestimentas feitas de pele de animais e se abstinha de todo alimento ou sacrifícios de criaturas vivas, ele nunca contaminou os altares com sangue, em vez disso, bolos de mel, incenso e hinos eram oferendas do Mestre aos deuses”

Restritas a certas correntes filosóficas e religiosas e não se estendendo à população de forma mais ampla como na contemporaneidade, as reflexões sobre uma dieta ausente de carne irão se iniciar no século VI AEC, com as práticas órficas e pitagóricas, seguindo sua existência até neoplatônicos como Porfírio de Tiro, no século III EC, escritor do tratado *De Abstinentia* (Martins, 2019, p. 2; 6). No contexto do Império Romano, a dieta livre de carne esteve ligada ao renascimento das ideias pitagóricas, com destaque para a *Escola dos Sextii* (Martins, 2019, p. 5), fundada por Quinto Sexto, o Velho, na virada do século I AEC para o século I EC. Esta escola misturava elementos pitagóricos, platônicos, cínicos e estoicos.

De forma geral, a motivação para esta atitude por parte destes grupos filosóficos poderia estar na proibição do derramamento de sangue animal com o objetivo de purificar a alma humana, sendo, talvez, associada para alguns grupos com a doutrina da transmigração das almas e/ou à ideia de que haveria um parentesco entre os seres vivos, além de questões de justiça e solidariedade entre humanos e animais. A motivação variava em alguns aspectos conforme a corrente filosófica, sendo os órficos mais propensos às questões da impureza de ritos de derramamento de sangue e os pitagóricos à metempsicose (Bernabé, 2019).

Para os pitagóricos, que nos interessam em especial por ser a corrente filosófica de Apolônio, a dieta livre de carne, mito possivelmente, estivesse fundamentada na ideia de que as almas podiam ocupar o corpo de homens e animais, havendo uma necessidade de respeito dos seres humanos, pois os animais podiam ter a alma de algum de nossos

antepassados. Consumir carne, assim, se caracterizaria como uma forma de canibalismo (Bernabé, 2019, p. 44-45, 50).<sup>9</sup>

O Apolônio de Filóstrato acreditava na transmigração da alma e demonstra isso em diferentes momentos da *VA*.<sup>10</sup> Sobre a reencarnação entre almas de animais em humanos e vice-versa, Filóstrato (*VA.*, V, 42) narra, na passagem de Apolônio pelo Egito, seu encontro com um leão domesticado. O leão é considerado como puro, pois não lambia o sangue das vítimas e nem se apoderava delas, apenas se alimentava com tortas, pães, doces e carne cozida. Da mesma forma, ele bebia vinho, sem alterar-se. Por conta disso, o leão era admitido nos templos. O leão se comunica com Apolônio, perguntando-lhe de quem era a alma que ele portava naquela vida e Apolônio diz a todos os presentes que era de um antigo faraó chamado Amásis. Por isso, Apolônio recomenda que levem o leão a Leontópolis para que ele fosse consagrado no templo, o que foi feito. Nesta passagem, podemos ver a ligação do sangue de animais a serem comidos como algo impuro e a pureza do leão ligada à sua alimentação com carne, mas cozida.

O biógrafo também narra (*VA.*, VI, 41) outra história que aconteceu na estadia de Apolônio na cidade de Tarso. Ali, um cachorro raivoso havia atacado um jovem e, após sua mordida, o atacado uivava, latia e corria como um cão. Apolônio ordena que lhe tragam o cachorro. Porém, ninguém o havia visto e não sabiam, por conta disso, como encontrá-lo. Apolônio, descrevendo como ele era, ordena que Damis, seu discípulo, o encontre, o que é feito. Apolônio, então, diz que o cachorro era a reencarnação de Télefo, um rei mítico da Mísia, ferido por Aquiles, e cuja mitologia envolve a cura de sua ferida por quem o feriu. Apolônio ordena que o cão lamba a ferida que fez no jovem, o que faz com que haja a cura do transtorno. Como bem observou Bernabé (1979, p. 396), em seus comentários à tradução da *VA*, esta história mistura elementos mitológicos, a doutrina pitagórica da metempsicose e a cura realizada por um taumaturgo como Apolônio.

E os animais aparecem claramente ligados à questão da alimentação nessa passagem que justifica a dieta não carnívora de Apolônio:

Aos homens, imperador, a terra fez crescer tudo. E os que desejam viver em paz com os animais não necessitam nada, pois há frutos da terra, para nutrição de seus filhos, que são colhidos e outros que são obtidos com o arado, de acordo

---

<sup>9</sup> A literatura pitagórica está repleta de tabus alimentares. Outra proibição era se alimentar de feijão. Havia uma série de razões para a negação do uso do feijão na alimentação e até uma cosmogonia em torno disso. Um dos ensinamentos atribuídos a Pitágoras dizia que, se enterrado, um feijão crescia e adotava uma forma humana, podendo também ser dotado de alma. Comer feijão era, assim, um tipo de canibalismo. Por conta disso, havia uma máxima pitagórica de que comer feijão era como roer a cabeça de seus pais (Detienne, 1970, p. 154).

<sup>10</sup> Temos o próprio de Apolônio como reencarnação do deus Proteo (Philostr., *VA.*, I, 4), histórias sobre as reencarnações de Pitágoras (Philostr., *VA.*, I, 1; VIII, 7, 4), a história do sábio indiano Iaracas como reencarnação do rei Ganges (Philostr., *VA.*, III, 21) e a de um jovem indiano como reencarnação do príncipe grego mitológico Palamedes (Philostr., *VA.*, III, 22).

com as estações. Mas os homens, como se não tivessem ouvido a terra, afinaram sua faca contra os animais em busca de vestimentas e alimentos (Philostr., VA., VIII, 7, 4).

A dieta de Apolônio, portanto, baseava-se em não comer carne de animais, apenas cereais, frutas e legumes, e fazia parte de um conjunto de práticas que incluía não usar nada que viesse de animais em suas vestimentas, não tomar vinho por ser embriagador, não realizar sacrifícios com animais aos deuses, não manter relações sexuais e manter o voto de pobreza. Temas que estão desenvolvidos ao longo de toda a VA, como nesta passagem:

Ao compreender Euxeno que ele [referindo-se a Apolônio] havia empreendido um grande propósito, perguntou-lhe por onde iria começar: — Como os médicos — ele respondeu — Eles purgam o estômago de seus pacientes e assim os deixam doentes ou os curam. Dito isso, negou os alimentos animados como puros e entorpecedores da mente. Comia frutos secos e legumes, afirmando que são puros como a terra. O vinho, ele dizia, era bebida pura desde que viesse de uma planta bem cultivada, mas era contrário ao equilíbrio da mente, por confundir o éter da alma.

Depois de realizada essa purificação de seu estômago, ele passou a andar descalço e a se vestir com roupas de linho, recusando as de animais. Deixou seu cabelo crescer e foi viver no templo. O pessoal do santuário ficou impressionado diante dele, e Asclépio declarou aos sacerdotes que se alegrava de curar os doentes tendo Apolônio como testemunha, e as pessoas vieram de Egeas para a Cilícia e seu entorno para satisfazerem sua curiosidade [...] (Philostr., VA., I, 8).

O trecho acima é muito interessante, apresentado bem no começo da biografia, ele não apenas introduz o leitor ao estilo de vida pitagórico de Apolônio – dando destaque para a alimentação – como mostra a capacidade do tianeu em curar por estar curado. Ou seja, um corpo sadio, livre das impurezas, é capaz de causar a cura de outras pessoas, tarefa declarada pelo próprio deus das curas, Asclépio, conforme a biografia.

Sobre o consumo de vinho, Apolônio (Philostr., VA., II, 36) faz uma longa defesa, para o rei indiano Fraotes, de sua prática de se manter sóbrio, consumindo apenas água. Os motivos para a recusa ao vinho, entre os que também estão em sua escolha por uma alimentação não carnívora, são a pureza da alma e a clareza de raciocínio.

Mas os que bebem como eu [referindo-se à água], enxergam o que é e o que não é. Nunca pareceram tontos ou cheios de exageros e de loucuras, ou excessivamente alegres, mas estão atentos, em pleno uso de seu raciocínio, inalterados tanto à noite quanto ao meio-dia, porque nunca dão cabeçadas, mesmo quando estudam até tarde da noite. O sono não os domina como um escravo, fazendo peso em seus pescoços subjugados pelo vinho. Eles são visivelmente livres e retos, de alma pura, não suspensos sobre ela pela boa sorte, nem são espantados pelo infortúnio. Pois uma alma sóbria é igualmente imune a ambas as coisas e não está sujeita a nenhuma das duas emoções e, portanto, desfruta do descanso mais profundo e tranquilo, e não é despertada do sono (Philostr., VA., II, 36).

Além da alimentação moderada, Apolônio se negava a manter atividades sexuais, dizendo que “[...] ele não se casaria e jamais teria relações sexuais” (Philostr., VA., I, 13). Por este seu estilo de vida ascético, como já comentamos, Filóstrato transforma Apolônio em um homem divino que, por conta disso, é capaz de realizar milagres e adivinhações.<sup>11</sup> Pois, seu estilo de vida lhe provocava agudeza dos sentidos (Philostr., VA., VIII, 7, 9) e melhor comunicação divina.

Uma de suas adivinhações mais conhecidas foi a que livrou a cidade de Éfeso de uma praga (Philostr., VA., IV, 10) e sua visão sobre a morte do imperador Domiciano (Philostr., VA., VIII, 26), também citada pelo historiador Dião Cássio (LXVII, 18). Portanto, o modo de vida de Apolônio, que incluía a dieta livre de carne animal, foi fundamental para sua transformação em personagem divino e, conforme ele menciona, era o que o levava às adivinhações (Philostr., VA., VIII, 7, 9) e práticas taumaturgicas, envolvendo a cura de enfermos.

Finalmente, podemos considerar o estilo de vida de Apolônio fazendo parte do que Michel Foucault (2010 [1984], p. 25) analisou como *cuidados de si*: “um comportamento apreciado como manifestação de virtude, firmeza da alma e de domínio de si.” Tal comportamento, envolvendo um forte cuidado ético, tão familiar ao cristianismo medieval, era também conhecido na Antiguidade Clássica e adotado por alguns filósofos e correntes filosóficas, como o estoicismo e o neopitagorismo. As práticas realizadas por indivíduos como Apolônio, sempre ligadas à sua filosofia, eram uma arte da existência,

[...] refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda certos critérios de estilo (Foucault, 2010, p. 18).

No volume 3 de sua *História da Sexualidade* (2010), Foucault irá nos mostrar como na Antiguidade greco-romana havia uma série de textos “prescritivos” que propunham regras de conduta para sujeitos envolvidos em certas práticas filosóficas. Tais textos permitiam que os indivíduos se interrogassem sobre seu comportamento e se conformassem enquanto sujeitos éticos em suas práticas relacionadas ao corpo e à mente, às condutas sexuais,

<sup>11</sup> Sobre seus milagres e adivinhações, temos diversas passagens como quando Apolônio consegue ressuscitar uma jovem (Philostr., VA., IV, 45), sua capacidade de cura (Philostr., VA., VI, 43), sua capacidade de livrar Éfeso de uma praga (Philostr., VA., IV, 10), seu poder de exorcismo (Philostr., VA., IV, 20), sua capacidade de descobrir um tesouro escondido (Philostr., VA., VI, 39), quando ele livra sua perna das correntes que o prendiam (Philostr., VA., VII, 38), desaparece em Roma e aparece em Dicearquia (Philostr., VA., VII, 41) e tem uma visão do momento exato da morte de Domiciano (Philostr., VA., VIII, 26).

alimentares, etc. Não se tratava de uma fundamentação moral exatamente, mas em uma estética e ética. Estas

exigências de austeridade não eram organizadas em uma moral unificada, coerente, autoritária e imposta a todos da mesma maneira; elas eram, antes de mais nada, um suplemento, como um “luxo” em relação à moral aceita correntemente; além disso, elas se apresentavam como “focos dispersos”: e estes tinham origem em diferentes movimentos filosóficos ou religiosos: e encontravam seu meio de desenvolvimento em múltiplos grupos; e propunham mais do que impunham, estilos de moderação ou de rigor cada qual com sua fisionomia particular: a austeridade pitagórica não era a dos estoicos que, por sua vez, era bem diferente daquela recomendada por Epicuro (Foucault, 2010, p. 29).

Além disso, Foucault (2010, p. 31) ressalta que não devemos entender estas práticas austeras de cuidados de si como proibições profundas, mas como estética da existência, um exercício de poder e uma prática de liberdade dos que optavam por segui-las.

Em relação aos sacrifícios de animais aos deuses, totalmente relacionado ao modo de vida pitagórico, Apolônio é contrário, como podemos ver no relato de sua passagem pela cidade de Alexandria, em que Filóstrato (VA., VI, 11) conta que:

Quando subiu ao templo [referindo-se a Apolônio], a ordem que colocou ali e a razão que deu para cada coisa pareciam dispostas pela sua sabedora divina. No entanto, a respeito do sangue de touro e de gansos e sobre os sacrifícios, não aprovava tais práticas, nem assistiu aos banquetes dos deuses.

No encontro de Apolônio com o rei parto Vardanes, o tianeu é convidado para celebrar os sacrifícios aos deuses, o que ele faz, mas pede que o rei faça à sua maneira e ele de outra, pois não participava de sacrifícios de sangue: “– Celebrai vós, rei, à vossa maneira e me permita que celebre da minha” (Philostr., VA., I, 31). A razão para a não admissão de ritos sacrificiais é justificada pela “[...] necessidade de manter a pureza dos altares” (Philostr., VA., VI, 11).

No entanto, cumpre perceber que Apolônio não combate a existência de sacrifícios nas cidades, ele apenas não se envolve nos mesmos pelo seu modo de vida. A passagem a seguir é interessante para percebermos isso, pois estando na Hispânia Bética, Apolônio reconhece as cidades vizinhas de Gades como não conhecendo os costumes gregos por vários elementos, entre eles o fato de não compreenderem suas razões para os sacrifícios.

[...] os de Gades sabiam de qual vitória se tratava e sabiam que na Arcádia havia uma competição prestigiada, uma vez que, como disse; conheciam os costumes gregos. Mas as cidades vizinhas a Gades não sabiam nem o que eram os Jogos Olímpicos, nem o que era um concurso, nem uma competição e nem porque celebravam os sacrifícios. Assim chegaram às conclusões mais cômicas, acreditando que se tratava de uma vitória de guerra e que Nero havia capturado

alguns homens chamados Olímpicos, pois nunca haviam tido a oportunidade de serem espectadores de uma tragédia, nem de um concerto de cítara (Philostr., VA., V, 8).

Outra passagem da VA também apresenta o sacrifício como elemento de identidade grega. Trata-se de uma crítica aos judeus atribuída ao filósofo Eufrates por Filóstrato:

[...] faz tempo que eles [referindo-se aos judeus] se revelam não apenas contra os romanos, mas também contra todos os homens, já que, depois de terem adotado uma forma de vida antissocial e sem ter em comum com os demais homens nem a mesa, nem as libações, nem as súplicas, nem os sacrifícios, estão mais distantes de nós que Susa, Bactra e os indianos (Philostr., VA., V, 33).

Portanto, por cumprir uma série de prescrições absolutas, em uma verdadeira prática que envolvia uma *cultura de si*, em termos foucautianos, ligada ao pitagorismo, Apolônio atingia um estado de pureza capaz de o fazer curar, ter previsões sobre o futuro, comunicar-se com os deuses de forma mais próxima, realizar milagres e acessar a verdade. A renúncia e as abstenções de Apolônio, seu domínio de si e sua temperança (σωφροσύνη) lhe davam acesso a uma experiência espiritual mais elevada e o faziam sábio e divino. Sendo assim, ele era o homem ideal para reformar costumes das cidades em suas viagens, para comunicar-se com governantes dentro e fora do Império Romano e para atuar politicamente, sob a escrita de Filóstrato, o que trataremos a seguir.

### **A atuação política do Apolônio de Filóstrato: um reformador pitagórico**

O objetivo das viagens de Apolônio, destacado tantas vezes na VA, é a busca por conhecimento (Philostr., VA., I, 18, 32; II, 11; III, 16, 29; IV, 47). O tianeu busca sabedoria na Índia com os brâmanes (Livro II), em Gades (Livro V) e na terra dos gimnosofistas etíopes (Livro V), locais que eram famosos na Antiguidade como terras de sábios. Mas, em parte substancial de suas viagens o que ele faz não é buscar conhecimento simplesmente, e, mesmo nos locais famosos como terras de sábios, ele exerce outras funções que não se resumem ao sábio errante em busca de aumentar sua sabedoria. São duas as funções que Apolônio exerce na VA: a de intermediador cultural (resolvendo conflitos ou reformando/ordenando costumes) e a de conselheiro de monarcas, governadores de províncias e imperadores e futuros imperadores romanos.

Em nossa Tese de doutorado escolhemos chamar Apolônio de intermediador cultural, porém, seguindo a percepção de que certos pitagóricos se propunham ser reformadores de costumes, especialmente religiosos, iremos adotar esse termo aqui, o que

nos parece válido para ao menos um tipo de função que ele exerce como intermediador. Desta forma, estamos de acordo com François Hartog (2004, p. 224) que observa que nas viagens do Apolônio filostratiano, ele ensina muito mais do que aprende. Como são muitos os lugares por onde passa e as funções que Apolônio realiza, aqui iremos nos restringir às propostas de reforma nas cidades do Império Romano.

Apolônio reforma cultos religiosos que haviam perdido o que lhes era tradicional. Assim, Filóstrato nos conta que:

[...] se a cidade era grega e os cultos conhecidos, após convocar os sacerdotes, filosofava sobre os deuses e corrigia o que desviava das práticas tradicionais. Acaso a cidade fosse bárbara, e seus cultos diferentes, se informava de quem os havia instaurado e porque haviam feito isso, uma vez informado de como o culto era desenvolvido e após sugerir algo mais sensato do que era feito, se pudesse, reunia-se com seus discípulos e lhes instigava a perguntarem o que quisessem (Philostr., VA., I, 16).

[...] dizem que foram por mar até Selêucia e, tendo encontrado barco disponível, navegaram até o Chipre, em Pafos, onde era a sede do templo de Afrodite, que foi admirado por Apolônio por sua construção simbólica e, após ter ensinado muitas coisas aos sacerdotes sobre o ritual do templo, navegou até a Jônia [...] (Philostr., VA., III, 58).

Após ter passado o inverno em todos os templos gregos, tomou caminho para o Egito no início da primavera, uma vez que já havia dado muitos conselhos e formulado muitas críticas às cidades, além de ter feito elogios a muitas, pois não se recusava elogiar quando algo lhe parecia bom (Philostr., VA., V, 20).

A preocupação com a manutenção e retorno às antigas tradições é uma constante nas passagens de Apolônio por cidades de cultura helênica, como na fala do espírito de Aquiles ao aparecer para Apolônio: “[...] assim, recorro a um conselho razoável: que não se mostrem soberbos com os usos tradicionais [...]” (Philostr., VA., IV, 16). Após ouvir estas palavras do espírito de Aquiles, Apolônio, seguindo os pedidos do herói, serve como delegado na restauração do túmulo e do culto de Palamedes. Na região da Eólia, na Jônia, Apolônio restaura, então, o túmulo de Palamedes, o lendário herói da guerra de Tróia, e o culto a esse herói que, segundo nos conta Filóstrato (VA., IV, 13), estava perdido naquela região.

Em Atenas, Apolônio ensina sobre práticas religiosas tradicionais aos moradores da cidade (Philostr., VA., IV, 19). O tianeu repreende os atenienses pela maneira como estão celebrando as festas dionísicas, com danças fora de tom e fora das tradições e com uso de vestimentas estranhas aos antigos costumes durante as celebrações (Philostr., VA., IV, 21-22).

E por outras cidades gregas, Apolônio reforma práticas religiosas conforme costumes tradicionais:

Visitou, assim, todos os santuários gregos, o dodoneu, o pítico, o de Abas, subiu até o Anfiarau e ao Trofônio, subiu ao Museu, ao Helicão. Ao visitar santuários e colocá-los em ordem, o acompanhavam os sacerdotes e o seguiam seus alunos, eram erguidos verdadeiros brindes em discursos, onde estes matavam a sede (Philostr., VA., IV, 24).

Em Esparta, Filóstrato ressalta a mesma preocupação por parte de Apolônio:

Mas quando cruzou o Taígeto, viu a Lacedemônia ativa e as tradições de Licurgo em plena vitalidade, não lhe pareceu desagradável conversar com as autoridades dos lacedemônios sobre o que queriam lhe perguntar. Assim, lhe perguntaram, quando chegou, como deveriam ser venerados os deuses [...] (Philostr., VA., IV, 31).

Já em Roma, após ganhar a admiração do cônsul Tigelino por meio de um diálogo, o cônsul diz que apoiará as ideias de reformas religiosas de Apolônio: “— Visitarei todos os santuários e lhes darei instruções por escrito aos seus administradores para que lhe recebam e lhe permitam introduzir reformas” (Philostr., VA., IV, 40). O cônsul romano fica descontente ao saber por Apolônio que os bárbaros, aqui se referindo aos partos e indianos, já deixaram que ele iniciasse as reformas religiosas em suas terras. Tigelino diz: “— Os bárbaros receberam esses elogios antes dos romanos, mas eu teria desejado que isso, precisamente, tivesse sido feito por nós” (Philostr., VA., IV, 40).

Em Alexandria, em passagem já citada (Philostr., VA., V, 25), Apolônio também realiza reformas nas práticas religiosas e desenvolve uma discussão com um sacerdote egípcio sobre o valor dos sacrifícios de sangue em ritos religiosos. Apolônio, por meio das reformas e ordenamentos realizados na cidade de Alexandria, reforçando aspectos da cultura grega, deixa o Egito repovoado e rejuvenescido:

Após Vespasiano partir de um Egito repovoado e rejuvenescido, convidou Apolônio a lhe acompanhar em sua viagem, mas ao tianeu não pareceu uma boa ideia, pois não havia visto o Egito em sua totalidade e ainda não havia chegado a conversar com os gimnosofistas, ainda possuía muita vontade de comparar a sabedoria indiana à egípcia (Philostr., VA., V, 37).

Na citação abaixo, Apolônio é aquele que celebra os ritos de maneira adequada, com compromisso e sem necessidade de pagamentos. Os ritos, por sua vez, são um elemento de ordenamento e paz no Helesponto.

Uma vez que as dissensões haviam tomado conta das cidades do lado esquerdo do Helesponto, alguns egípcios e caldeus andavam mendigando por ali na busca de dinheiro em troca de celebrar sacrifícios por dez talentos em honra da Terra e de Poseidon. As cidades contribuía, umas com o erário público e outras com fundos privados, uma vez que seus habitantes estavam com medo, mas os egípcios e caldeus se recusavam a celebrar os sacrifícios se o dinheiro não lhes

fosse passado. Assim, a nosso homem, não lhe pareceu bom ficar indiferente frente à população do Helesponto. Apresentando-se nas cidades, expulsou os que haviam as convertido em desgraça e após adivinhar as causas da cólera sobrenatural e celebrar o sacrifício adequado em cada uma, conjurou a ameaça com poucos gastos e a terra tornou-se calma (Philostr., VA., VI, 42).

Apolônio de Tiana é, portanto, um reformador do que encontrava errado no seu caminho, fossem problemas administrativos que ele funcionava como intermediador de conflitos, fossem questões religiosas que ele considerava problemáticas, fugindo das tradições gregas antigas. Compreendemos o papel de Apolônio como ordenador da religiosidade nas regiões do Império Romano por onde passa, valorizando elementos da cultura tradicional dos gregos, dentro da proposta do biógrafo Filóstrato sobre a afirmação da cultura grega como elemento identitário do Império Romano. Como sabemos, a religiosidade era um elemento fundamental para manutenção de uma ideia de Império Romano em meio à sua pluralidade e, por isso, aparece de forma tão enfática nas práticas de Apolônio, sendo ordená-la uma de suas principais funções. Lembremos ainda que Filóstrato foi um grande defensor da importância da cultura grega no Império Romano, usando de Apolônio para reafirmar uma mensagem contida em outras obras de sua autoria, como em *Vidas dos Sofistas*.<sup>12</sup> Além disso, a existência de uma área linguístico-cultura grega nas partes orientais do Império Romano era fundamental para a manutenção do próprio poder de Roma (Guarinello, 2009). Afirmar-se grego e afirmar a cultura grega, era, da mesma forma, tornar-se romano (Wolf, 1994) e sustentar o próprio poderio do Império Romano.

Por seu estilo de vida totalmente austero, com uma dieta rígida e tendo sua vida voltada para a contemplação, Apolônio se torna mais sábio, mais racional e até divino, dando-lhe credenciais para ser respeitado e ouvido nas cidades. Podendo, com isso, seguir um projeto político pedagógico de reforma de costumes e passar, com grande autoridade, a mensagem de Filóstrato sobre a importância da cultura grega para o Império Romano.

Diante disso, percebemos que a formulação de Detienne (1975) apresentada na introdução, sobre os pitagóricos ou recusarem o mundo em uma escolha de vida ascética ou proporem reformas às cidades com uma dieta alimentar de menor rigidez não parece caber na construção do Apolônio de Filóstrato. Como apresentamos na introdução, Detienne (1970) chega a analisar testemunhos que indicam a existência de pitagóricos que estavam acostumados à política, comendo carne. Citando Jâmblico, Detienne (1970, p. 144) percebe que, a esses, Pitágoras teria recomendado que celebrassem sacrifícios, mas sem excessos, oferecendo vítimas menores, nunca os bois. Estas duas orientações

---

<sup>12</sup> Esta ideia foi bem desenvolvida em nossa Tese de doutorado já citada.

dos pitagóricos podem parecer contraditórias, mas eram complementares, porém se diferenciavam (Detienne, 1970, p. 177).

A partir do que analisamos, vemos que o Apolônio da VA faz as duas coisas: leva uma vida extremamente ascética sem carne e tem uma atividade cívica, uma atuação política. Além do mais, uma é condição para a outra. Sua vida ascética, incluindo sua dieta rigorosa sem carne, contribui para sua autoridade divina, ao menos na proposta da mensagem que Filóstrato pretende passar, ao menos a partir das escolhas do biógrafo e de suas próprias construções do biografado.

Ainda que sua atuação não seja fixa em uma cidade especificamente, Apolônio pretende contestar costumes nas cidades por onde passa em suas viagens, mas, por dentro e sem assumir a forma de um antissistema radicalmente estranho à religiosidade oficial, sem apresentar-se como figura marginal.

Em nossa conclusão, o fato de Apolônio não ser um antissistema na biografia pode ter um propósito que está diretamente ligado às funções e atividades dos sofistas e à visão de Filóstrato sobre a dinâmica das relações político-culturais do Império Romano. Filóstrato era um sofista e defende a atuação de seu grupo em funções políticas e administrativas do poder romano na obra *Vidas dos Sofistas*. Apolônio, como pitagórico, vive para a contemplação, sem assumir cargos, porém não deixa de agir politicamente como reformador à base pitagórica, mas também aos moldes da defesa da helenidade de seu biógrafo. Filóstrato concilia, dessa maneira, tradições pitagóricas e seus próprios anseios em seu Apolônio de Tiana.

### **Considerações finais**

A partir do que apresentamos, o leitor ou leitora pode entender que a alimentação dos antigos gregos e das sociedades que compuseram o Império Romano era composta por uma dieta rica do consumo de carne animal, estando esse alimento amplamente disponível, o que não é verdade. Ainda que a dieta livre de carnes de animais fosse uma opção ligada a grupos como os pitagóricos, é sabido que, por ser um alimento perecível, carnes eram consumidas com menor frequência do que grãos e cereais, tendo estes últimos alto teor nutritivo e sendo mais fáceis de conservação e transporte.

Porém, a escolha por uma dieta restritamente “vegetariana” só dizia respeito a uma minoria de pessoas, sendo a expressão de um ascetismo físico e intelectual característico de um modo de vida filosófico. Assim, não se tratava apenas de uma recusa à carne, mas à adoção de um padrão austero que incluía vários hábitos em relação ao corpo e à alma. Tal estilo de vida parece-nos fundamental na construção de Apolônio de Tiana como

reformador político na VA. Além disso, é importante destacarmos que a recusa em comer carne não apenas torna Apolônio mais puro, como o aproxima do divino na medida em que, no mito grego das origens, os odores, como alimento superior, são destinados aos deuses nos sacrifícios, enquanto a carne é reservada ao homem, como comentamos na introdução deste texto. A filosofia pitagórica propunha que o adepto comesse como os deuses, se aproximando deles. Uma dieta livre de carne levava o praticante a um estado que transcende à condição humana.

Por fim, mas não menos importante, sabemos que, pela prática de abstenção do consumo de carne, os pitagóricos encontraram certa hostilidade no contexto do Império Romano. Gérard Freyburger (2016; 2020) busca em textos de Tito Lívio, Sêneca e Plutarco os testemunhos sobre críticas aos pitagóricos, que, em sua interpretação, podem mostrar a situação marginal que os seguidores de Pitágoras viviam. No entanto, na VA, Filóstrato usa da dieta rígida e do modo de vida pitagórico de Apolônio justamente para colocá-lo em seu dever cívico e em sua inserção e recepção por governantes, sacerdotes e outros personagens importantes das cidades. O cuidado ético insistente e intenso de Apolônio faz dele uma espécie de filósofo/sofista ideal, um personagem perfeito para atuar como conselheiro de governantes, ordenador/reformador de costumes nas cidades e intermediador de conflitos. Não temos como saber se o Apolônio histórico era uma figura pitagórica marginal. Talvez um estudo das cartas consideradas de autoria de Apolônio pudesse nos indicar algo. Mas, pela dimensão e propósitos deste artigo, preferimos nos restringir à análise da VA. E, na biografia, o que vemos é que Filóstrato ressignifica Apolônio e usa de sua dieta alimentar e de seus *cuidados de si* para elevá-lo como importante para o governo das cidades e do Império e, dessa forma, passar sua mensagem em defesa da cultura grega e de sua categoria enquanto sofista.

## Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho e à Profa. Dra. Nathalia Monseff Junqueira pelo espaço para esta publicação com a organização do dossiê *Medicina e Alimentação na Antiguidade*. A responsabilidade pelas ideias do texto, no entanto, restringe-se à autora.

## Referências

### Documentação textual

- CASSIUS DIO. *Roman History*. Tradução de Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1955. v. IX.
- CASSIUS DIO. *Roman History*. Tradução de Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1925. v. III.
- FILÓSTRATO, F. *Vida de Apolônio de Tiana*. Tradução, introdução e notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Gredos, 1979.
- FILÓSTRATO, F. *Vidas de los Sofistas*. Introdução, tradução e notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1982.
- LUCIANO. Alejandro o el falso profeta. In: LUCIANO. *Obras*. Tradução de José Luís Navarro Gonzales. Madrid: Gredos, 1988, p. 392-426. v. II.
- LUCIANO. *Obras*. Tradução de José Luís Navarro Gonzales. Madrid: Gredos, 1988. v. II.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Cristopher P. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v. I.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Cristopher P. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 2005. v. II.
- SCRIPTORES. ELEGABALUS, SEVERUS ALEXANDER, THE DEIFIED AURELIAN. In: *The Historia Augusta*. Tradução de David Magie. Loeb Classical Library Edition. Disponível em: <[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia\\_Augusta/home.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/home.html)>. Acesso em: 04 jan. 2024.
- SUDA. *On line: Byzantine lexicography*. Disponível em: <<http://www.stoa.org/sol/>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

### Obras de apoio

- ANDERSON, G. *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in The Roman Empire*. London: Routledge, 1993.
- BERNABÉ, A. Vegetarianismo en la Grecia antigua. *Mare Nostrum*, v. 10, n. 1, p. 31-53, 2019.
- DETIENNE, M. La cuisine de Pythagore. *Archives de sociologie des religions*, v. 29.1, p. 141-162, 1970.
- DETIENNE, M. Ronger la tête de ses parents. In: \_\_\_\_\_. *Dionysos mis à mort*. Paris: Gallimard, 1998, p. 95-115.

- DETIENNE, M. Les chemins de la déviance: Orphisme, Dionysisme et Pythagorisme. In: ADORNO, F. et al. *Orfismo in Magna Grecia: atti del quattordicesimo Convegno di studi sulla Magna Grecia*. Napoli: Arte Tipografica, 1975, p. 49-79.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2010. v. 3.
- FREYBURGER, G. Le végétarisme pythagoricien dans la Rome antique. In: GOUNELLE, R.; ZWILLING, A-L.; LEHMANN, Y. (éd.). *Religions et alimentation: normes alimentaires, organisation sociale et représentations du monde*. Turnhout: Brepols, 2020, p. 91-93.
- FREYBURGER, G. Pratique végétarienne et marginalité à Rome. In: AMIRI, B. (éd.), *Religion sous contrôle: pratiques et expériences religieuses de la marge?* Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2016, p. 41-47.
- GAGÉ, J. *Les classes sociales dans l' Empire Romain*. Paris: Payot, 1971.
- GUARINELLO, N. L. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, P. P. SILVA, M. A. O. (org.). *Política e identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 147-161.
- HARTOG, F. A memória de Apolônio e o nome de Pitágoras. In: \_\_\_\_\_. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 223-234.
- MARTINS, P. R. O vegetarianismo na Antiguidade como campo de pesquisa interdisciplinar. *Mare Nostrum*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2019.
- PUECH, B. Lucius Flavius Philostratus. In: \_\_\_\_\_. *Orateurs et Sophistes Grecs dans les inscriptions d'époque impériale*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002, p. 377-383.
- SABBATUCCI, D. *Essai sur le mysticisme grec*. Roma: Edizioni dell Ateneo, 1965.
- SILVA, S. C. *Identidade grega e Império Romano: a Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato (século III d.C.)*. Curitiba: Appris, 2020.
- SILVA, S. C. O vegetarianismo do mago Apolônio de Tiana como exercício espiritual. *Philía*, v. 46, p. 3, 2013.
- WOOLF, G. Becoming Roman, staying Greek: culture, identity and civilizing process in the Roman East, *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 40, p. 116-143, 1994.